

EXTRATOS DE AÇORIANIDADE I

VITORINO NEMÉSIO

Não sei se chego a tempo com a minha colaboração para a *Insula* no V centenário do descobrimento dos Açores. É uma colaboração estritamente sentimental, uma espécie de minuto de recolhimento em meia dúzia de linhas.

Entendo que uma comemoração deste vulto deve ser, mesmo quanto a palavras, rigorosamente *monumental*, feita de estudos e reflexões que ajudem a consciência açoriana a tomar conta de si mesma e contribuam para que os Açores, como corpo autónomo de terras portuguesas (um autêntico viveiro de lusitanidade quatrocentista), entrem numa fase de atividade renovada, de reconstrução, de esforço humano e cívico. E neste momento, é-me impossível dar a mínima contribuição nesse sentido.

Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; – e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.

Um espírito nada tradicionalista, mas humaníssimo nas suas contradições com um temperamento e uma forma literária céticos, – o basco espanhol Baroja, – escreveu um livro chamado *Juventud, Egoítria*: “O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio”. Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto do mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes. Era este orgulho feito de singularidade e solidão que levava Antero a chamar aos portugueses da metrópole os seus “quási patrícios”.

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água. Daqui partiria o fio das reflexões que me agradaria desenvolver.

Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens, que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo, – e o tempo é espírito em *fieri*. Mais outro tanto, e apenas tocaremos metade da memorialidade de Vergílio.

Somos, portanto, gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projeta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem...

Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e de pedra. os nossos olhos mergulham no mar.

Mas este simbolismo está muito longo de aludir com clareza aos segredos do ser açoriano, e mais parece um entretenimento literário do que um sério propósito de pôr o problema da nossa alma. Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba. Antes desse dia de libertação íntima mal poderei fazer-me entender dos outros. Um aceno de ternura, um vago protesto de solidariedade insular e a distância que é o muito que estas linhas podem significar.

Coimbra (Cruz de Celas) 19 de julho de 1932

In: *Insula* – Revista mensal ilustrada. Número especial comemorativo do V centenário do Descobrimento dos Açores. Ponta Delgada, Julho e Agosto de 1932.

EXTRATOS DE AÇORIANIDADE II

LUIZ FAGUNDES DUARTE

Nos Açores a paisagem é um gesto cultural - porque é na paisagem das nossas ilhas que melhor encontramos registado, como num precioso documento, o gesto histórico de adaptação do homem ao meio; e esse é um gesto cultural, porque resulta da capacidade do açoriano para entender a terra onde poisa os pés – e a ela ajeitar o andar. Nas nossas ilhas, o andar dos homens deixa como pegadas casas e maroiços, fortes e abrigos, igrejas e curraletas, e nas pedras que ainda restam destas casas, podemos ler a história cultural daqueles que antes de nós por aqui andaram – e envergonhados constatamos como somos capazes de, hoje, deformar e até

mesmo apagar as pegadas que os nossos pais deixaram na paisagem das ilhas, e de assim esquecer que temos filhos.

In: *Inventário do património Imóvel dos Açores*. Pico, S. Roque. Direção Regional da Cultura/Instituto Açoriano de Cultura/Câmara Municipal de São Roque, 1999

